



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO -  
CIÊNCIAS DA NATUREZA**

**MARIA DE FÁTIMA MACIEL GROSS**

**A PERCEPÇÃO DE MULHERES AGRICULTORAS DA  
COMUNIDADE DO ARROIO DO PADRE – ITATI/RS SOBRE AS  
RELAÇÕES DE GÊNERO.**

Tramandaí, 2019.

Capa: Catalan Girls, 1921.

Pintor espanhol - Josep de Togores (1893-  
1970)

MARIA DE FÁTIMA MACIEL GROSS

**A PERCEPÇÃO DE MULHERES AGRICULTORAS DA COMUNIDADE DO  
ARROIO DO PADRE – ITATI/RS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO.**

Trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em  
Educação do Campo – Ciências da Natureza.  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul- CLN.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Claudia Glavam Duarte.

Tramandaí, 2019.

MARIA DE FÁTIMA MACIEL GROSS

**A PERCEPÇÃO DE MULHERES AGRICULTORAS DA COMUNIDADE DO  
ARROIO DO PADRE – ITATI/RS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO.**

Trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em  
Educação do Campo – Ciências da Natureza.  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul- CLN.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Claudia Glavam Duarte.

Data de aprovação: 03 de julho de 2019.

Banca examinadora:

Prof. Claudia Glavam Duarte – Orientadora

---

Prof. Dra. Elisete Enir Bernardi Garcia

---

Prof.Dra. Neila Seliane Witt.

---

### CIP - Catalogação na Publicação

Gross, Maria de Fátima Maciel

A percepção de mulheres agricultoras da comunidade do Arroio do Padre - Itati/RS sobre as relações de gênero / Maria de Fátima Maciel Gross. -- 2019.  
45 f.

Orientador: Claudia Glavam Duarte.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Educação do Campo, Tramandaí, BR-RS, 2019.

1. Gênero. 2. Camponesas. 3. Mulheres urbanas. 4. Trabalho no campo. I. Duarte, Claudia Glavam, orient. II. Título.

# *DEDICATÓRIA*

Dedico este trabalho ao Professor Ederson Staudt, que foi o meu primeiro orientador. Ele me introduziu no mundo da pesquisa. A professora Claudia, em especial, por ter me orientado e guiado por todo esse longo caminho que percorri. Sua pontual ajuda e sua sensibilidade de olhar e entender as angustias que me afetavam, me fizeram chegar nesse momento. À todos que nunca desistiram de mim, por mais que, muitas vezes, eu mesma já havia desistido.

## *AGRADECIMENTOS*

Agradeço a professora Mária que me incentivou a fazer minha inscrição no vestibular. Isso me possibilitou chegar até a universidade. À minha família, meus colegas, e, especial as minhas companheiras, amigas e parceiras de alojamento, pelos momentos que passamos juntas de dor e felicidade. Aos queridos professores, que estiveram comigo durante esses quatro anos; aos meus colegas de trabalho que, por inúmeras vezes, trocaram comigo o plantão que me permitiu estar na universidade. Para finalizar, a todos os meus colegas que, juntamente comigo, percorreram essa caminhada. Quero destacar a grande ajuda que recebi de minha amiga Iara Justin na conclusão desse trabalho.

## *RESUMO*

O presente trabalho de pesquisa teve como temática principal as questões de gênero visibilizadas em práticas cotidianas que compunham as experiências das mulheres que vivem no campo. Especificamente, a investigação foi realizada com três mulheres que vivem em uma pequena comunidade pertencente a cidade de Itati, situada no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul. O objetivo principal era identificar as percepções que as mulheres tinham sobre as relações de gênero em sua comunidade. Para construir uma resposta ao objetivo traçado, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e anotações em um caderno de campo. Como resultados identifiquei que todas percebem que a divisão do trabalho entre homens e mulheres é cultural. No entanto, algumas perpetuam essa divisão deixando tarefas "mais pesadas" para os companheiros. Mas, todas sabem que podem executar tais tarefas, seria uma questão de se "acostumar". Percebi também, que elas não se comparavam somente com os homens, mas, sentiam a necessidade de falar sobre as mulheres que vivem na cidade. Segundo seus depoimentos, apesar das mulheres que vivem no campo terem buscado mais informações, as mulheres que vivem na cidade têm mais chance de estudar. Apesar disso, elas pontuaram aspectos que as diferenciam das urbanas, tais como, possuir uma "sabedoria das coisas da terra", ter uma vida mais saudável e viver mais coletivamente.

Palavras-chave: Gênero, Camponesas, Mulheres urbanas, Trabalho no campo.

## *ABSTRACT*

The main theme of this research was gender issues that were visible in everyday practices that comprised the experiences of women living in the field. Specifically, the investigation was carried out with three women living in a small community belonging to the city of Itati, located in the Northern Coast of the State of Rio Grande do Sul. The objective was to identify the perceptions that women had about gender relations in their community. To construct a response to the goal outlined, semi-structured interviews and annotations were carried out in a field notebook. As results, I have identified that all realize that the division of labor between men and women is cultural. However, some perpetuate this division leaving tasks "heavier" for the companions. However, all know that they can perform such tasks; it would be a matter of getting "accustomed". I also noticed that they were not only comparable to men, but they felt the need to talk about women living in the city. According to their testimonies, although women who live in the countryside have sought more information, women living in the city are more likely to study. Nonetheless, they scored a number of things that set them apart from urban ones, such as possessing a "wisdom of earthly things," living a healthier life, and living more collectively.

Key-words: Gender, Camponese, Urban women, Farm labor.

## *LISTA DE ABREVIATURAS*

AGRISAP- Feira do Agricultor de Santo Antônio da Patrulha.

CLN- Campus Litoral Norte.

CMDR- Conselho Municipal do Desenvolvimento Rural.

CRAS- Centro de referência de Assistência Social.

EMATER/ASCAR -Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural /Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural.

IDH- Índice de desenvolvimento Humano.

ONU- Organização das Nações Unidas

PAA- Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar.

PAFI- Programa de Atenção as Famílias.

PETI- Programa da erradicação do trabalho infantil.

PLAGEDER- Planejamento e Gestão para o desenvolvimento Rural.

PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar.

PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

RGS- Rio Grande do Sul.

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso.

UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

# Sumário

1 PRIMEIRAS PALAVRAS .....	12
2 VIAJANDO POR TERRAS DESCONHECIDAS .....	16
3 COMPONDO A TRAJETÓRIA DA PESQUISA: .....	27
4 RELAÇÕES DE GÊNERO NO CAMPO NA PERCEPÇÃO DE TRÊS CAMPONESAS DE ARROIO DE PADRE.....	32
4.1 A divisão das tarefas.....	32
4.2 As camponesas e sua relação com as mulheres urbanas.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS .....	42
APENDICE 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....	44

## 1 PRIMEIRAS PALAVRAS ...

A temática que envolve discussão sobre gênero, escolhida para esse trabalho, me permite dar visibilidade aos papéis que vem sendo atribuído à mulher do campo e, dessa forma, me possibilita refletir sobre a possibilidade de criar condições para o empoderamento do grupo de mulheres de Arroio do Padre em Itati /RGS<sup>1</sup>. Cabe ressaltar, que estou entendendo empoderamento a partir da perspectiva desenvolvida por Azevedo (2012), que o entende como a ampliação da participação das mulheres no âmbito familiar e na sociedade como um todo. Percebo que as mulheres ainda possuem um papel que é considerado como secundário na sociedade. No campo, essa situação fica mais visível. No entanto, alguns movimentos vêm sendo realizados para que esta condição mude. Segundo o relatório da ONU demonstra, a persistência das desigualdades entre gêneros é o maior entrave ao desenvolvimento humano nos países. Essa desigualdade, segundo a ONU, chega a provocar perdas de até 85% no Índice de Desenvolvimento Humano - IDH (Sempre Viva Organização Feminista, 2012). Assim, acredito na necessidade de desnaturalizarmos alguns discursos que possuem efeitos de verdade e que, acabam por minimizar o papel da mulher em nossa sociedade.

---

<sup>1</sup> Conforme o site da prefeitura de Itati "O lugar onde situa-se hoje Itati, já foi chamado Vale do Rio Três Forquilhas e seus diversos afluentes. Mesmo antes de ser colonizado, o vale era habitado pelos índios Caiagangues, chefiados pelo cacique Aivupurã. Estes viviam da caça e da pesca por todo o sítio apesar de terem como sede a Aldeia de Três Pinheiros. Conforme Ely, em 1826 uma leva de colonos alemães chega ao vale, trazidos pelo governo imperial eles ganharam pedaços de terra ao longo do rio, concentrando-se principalmente nas áreas marginais das vias que ainda hoje acompanham o rio. Ao se instalarem, os alemães contaram com a colaboração do povo indígena na construção de suas primeiras choupanas, convivendo pacificamente estes adaptaram-se à vários costumes indígenas, adotando alguns de seus cardápios, o ato do banho diário, entre outros. A chegada dos portugueses disseminou novos costumes e através da mescla de novos e antigos, surgiu uma singularidade cultural. Além dos lusos e alemães outros estrangeiros também chegaram ao Vale, entre eles: Poloneses, argentinos, açorianos e japoneses, estes últimos chegaram por volta de 1968. Esta mistura de raças e credos, cria uma diversidade cultural e étnica que se pode perceber até os dias atuais. Em 16 de abril de 1996, emancipou-se de Terra de Areia, através da Lei Estadual nº. 10746, mantendo o nome original Itati. " Disponível em: <http://itati.rs.gov.br/historia> Acesso em: 08 de julho de 2019.

Escolhi essa temática também, por “ter conhecimento de causa”, pois sou uma integrante do grupo pesquisado e vejo que há mulheres extremamente batalhadoras, com personalidade forte que não desistem de seus objetivos. Dessa forma, busco entender com esta investigação, como elas se percebem na comunidade que vivem, como elas superam as diferenças de gênero em um lugar tão pequeno e com “certo autoritarismo masculino”. Além disso, optei por pesquisar esse grupo de mulheres para efetuar minha investigação pois, elas se mostram bastante receptivas com as mulheres que chegam na comunidade. Especificamente no meu caso, passei por um momento muito difícil quando, eu e minha família, chegamos para morar nesse município. Estávamos em um processo de adaptação, pois, vínhamos de Porto Alegre, uma cidade metropolitana, para vivermos em um município com pouco menos de três mil habitantes. Tive que deixar minha filha mais velha, morando na cidade, pois ela precisava continuar seus estudos. Essa situação foi avassaladora para mim, chorava todos os dias escondida, sofria calada, pois não podia demonstrar para minha fraqueza, para meus familiares. Sempre fui vista por eles, como uma fortaleza. Então, em um dia fiquei sabendo que havia um grupo de mulheres que se encontravam uma vez por semana. Resolvi ir conhecer, cheguei um pouco tímida, pois não sabia se seria bem recebida pelo grupo, pois era uma desconhecida naquele lugar. Mas, para minha grande surpresa, fui recebida de braços abertos por todo o grupo e, participo dos encontros até hoje. Posso dizer que o convívio com essas mulheres foi o que me deu forças para superar e ultrapassar aquele processo de adaptação na cidade.

Percorrendo sua história podemos dizer que a história desse grupo, se deu em 2004 com os encontros/oficinas para a aprendizagem e troca de técnicas para a realização de peças artesanais: almofadas, confecção de panos de prato, técnicas de pintura. Os encontros eram feitos no salão católico de Itati, que atendia cerca de 30 mulheres e funcionou, nesse local até 2011. Com a implantação do CRAS - Centro de Referências de Assistência Social em meados de 2012, a assistência social do município, promovia um encontro de

mulheres, mas, esse ocorria só no centro da localidade. Mas, quando houve a troca da gestão municipal, foram formados grupos em todas as nove localidades do município, pois o foco era que todas as mulheres tivessem acesso as oficinas disponibilizadas pela equipe técnica do CRAS. Atualmente são atendidas 160 mulheres distribuídas em nove pequenos grupos, e os encontros ocorrem em suas próprias localidades. Com a extensão dos atendimentos em todas as localidades foi proporcionado o acesso a todas as mulheres, pois, antes somente se beneficiavam as que residiam no centro do município.

Os grupos estão amparados na lei federal que criou o CRAS. Nos centros são desenvolvidos programas de atenção as famílias – PAIF. Neste programa são realizadas atividades e ações que possam contribuir para a inclusão social de pessoas, famílias e comunidades. O município então, organiza e prevê como será feita a oferta dos serviços sócio assistenciais que o programa exige. No município uma das atividades desse Programa abriga o encontro das mulheres nas diferentes comunidades.

Muitas tem sido as conquistas desses grupos. Nos anos de 2015 e 2016 alguns desses participaram de um projeto chamado CRIANÇAS DA ÁFRICA e com a parceria dos correios e de doações da empresa têxtil Petenatti de Caxias do Sul foram feitas várias roupas para as crianças pobres da África. Para celebrar essas conquistas e confraternizar, acontece, uma vez ao ano, um grande encontro com todas as localidades. Ele ocorre no mesmo salão, da Igreja católica, que deu início a tudo, no centro do município.

Percebo que, especialmente o grupo que pesquiso, é motivado pela necessidade de um convívio coletivo com momentos de interação. Muitas vezes, as tardes conversando, produzindo peças artesanais, possuem efeitos terapêuticos, pois todas ali têm uma história similar. Para muitas, esses momentos, parecem ser, os únicos momentos de conversa e descontração presentes no seu cotidiano. Questiono-me se essas mulheres sabem, percebem a intervenção que fazem na vida de cada uma, e também das mudanças de atitudes que agregam à essa comunidade. Acredito que o fortalecimento dos vínculos acaba as empoderando, pois a troca de experiências, o desabafo de

algumas e o carinho que todas demonstram para com o grupo acaba fortalecendo seus sonhos, suas aspirações e principalmente, o reconhecimento de seus direitos.

Feita esta introdução, destaco que o problema de pesquisa que orienta esta investigação é: **Qual a percepção das mulheres agricultoras da comunidade do Arroio do Padre – Itati/RS sobre as relações de gênero que se estabelecem em seus cotidianos?** Com a finalidade de construir respostas a este problema elenquei os seguintes objetivos:

Identificar as relações de gênero que se estabelecem na comunidade do Arroio do Padre – Itati/RGS; analisar o papel desempenhado pelas mulheres agricultoras na comunidade do Arroio do Padre – Itati/RGS e identificar as percepções que tais mulheres têm de suas funções no campo. No próximo capítulo apresento uma revisão de literatura a respeito da temática escolhida.

## 2 VIAJANDO POR TERRAS DESCONHECIDAS

A revisão de literatura é um passo importante na realização de uma pesquisa, pois, nos ajuda a perceber por quais caminhos a temática que escolhemos vem sendo desenvolvida. Posso dizer que se trata de uma viagem por terras que ainda são pouco familiares para mim. Por este motivo elenquei cinco roteiros de viagem, ou seja, separei trabalhos que se aproximam da problemática que escolhi para investigar e que, talvez, me ajudem a conhecer um pouco mais do tema que pretendo desenvolver. A escolha de tais trabalhos obedeceu aos seguintes critérios: estar disponível no repositório digital da UFRGS, designado por LUME; constituir-se em trabalhos de Conclusão de curso, configurar-se em trabalhos recentes e, principalmente, estarem próximos a temática que elegi para investigação.

A primeira parada é no território de Santa Vitória do Palmar, no extremo sul do Rio Grande do Sul, com o trabalho de Cristina Rodrigues Trein, intitulado "Percepção das mulheres que atuam na área rural do município de Santa Vitória do Palmar quanto a discriminação de gênero" (2017), que foi desenvolvido como uma monografia do curso superior de bacharelado em desenvolvimento rural - PLAGEDER, da faculdade de ciências econômicas da UFRGS.

Neste trabalho o objetivo da pesquisadora era identificar o papel da mulher no meio rural e as dificuldades encontradas em relação a diferença de gênero. Segundo a autora, as mulheres do campo desempenham vários trabalhos: são mães, agricultoras, e também prestam serviços à comunidade. Da mesma forma, que Trein (2017) observou esta pluriatividade, eu também, identifico uma situação semelhante na comunidade onde estou inserida. As mulheres de Arroio do Padre, local de minha pesquisa, desenvolvem atividades que ultrapassam a dedicação com os afazeres do lar. A grande maioria dedica-se a agricultura familiar, desde a produção até a venda de produtos em feiras da região ou o abastecimento de cooperativas locais. Aliado a isto, muitas dedicam-se, uma vez por semana, às atividades artesanais. No entanto, de acordo com o Ministério da Justiça e Cidadania (apud TREIN, 2017, p. 12)

A divisão sexual do trabalho é a divisão de atribuições, tarefas e lugares sociais para mulheres e homens, decorrentes das relações sociais de sexo. Essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade e tem por característica a destinação prioritária dos homens a atividades produtivas (ocupações de forte valor social agregado, como comércio, indústria, empreendimentos, e na política) e a mulheres à esfera reprodutiva (atividades relacionadas a cuidados e afazeres domésticos). Essa divisão repercute fortemente nos cargos e funções ocupados pelas mulheres e em seus rendimentos, já que são destinadas às mulheres principalmente tarefas e ocupações que remetem a cuidado e serviços que são menos valorizados socialmente.

Assim, apesar desta variedade de atividades, o trabalho destas mulheres ainda passa despercebido pela sociedade ou, muitas vezes, fica subordinado ao comando de seus companheiros ou filhos, especialmente, filhos homens. Percebo que a desigualdade social enfrentada pelas mulheres ocorre não somente na área rural, mas, de forma geral, em toda a sociedade. De acordo com Trein (2017, p. 8)

A busca de igualdade de direitos pelas mulheres não é um assunto novo, mas é um tema atual. Apesar de alguns avanços obtidos ao longo dos anos, diversos são os relatos de disparidade salarial, preconceito, assédio, entre outros, sofridos pelas mulheres nos diversos desempenhos de função, independente de classe ou raça. No meio rural, a situação não é diferente.

A busca pela igualdade de direitos, apesar de não ser “assunto novo” ainda se faz necessário. Penso ser importante discutir sobre as relações de gênero, especialmente no meio rural. Apesar da luta ainda estar longe de ser concluída, é possível verificar uma pequena evolução no que tange ao papel desempenhado pelas mulheres. Hoje é bastante comum vermos mulheres que ocupam lugares que antes eram ocupados, exclusivamente, por homens. Na área rural, por exemplo, tornou-se bastante corriqueiro, vermos mulheres operando máquinas e tratores em suas propriedades. Importante destacar, também, que os serviços, considerados “pesados”, que envolvem esforço físico, são realizados por muitas mulheres.

Cabe destacar, o aumento de mulheres que buscaram, em nível superior, concluir seus estudos e hoje dedicam-se ao exercício de diferentes profissões: medicas veterinárias, zootecnistas e técnicas agropecuários entre muitas outras. Isto tem alterado a tomada de decisões das pequenas ou grandes propriedades. As mulheres, já formadas, acabam definindo, muitas vezes, o rumo das produções das propriedades.

Na pesquisa de Trein (2017) foram entrevistadas 22 agricultoras e segundo seus relatos sobre o trabalho doméstico a maioria das entrevistadas, 36,4% executam sozinhas tais atividades. Poucas, 9,1% são as que recebem auxílio de seus companheiros. Isto demonstra o quanto a mulher que vive no campo ainda é responsável, quase que exclusivamente, pelas tarefas entendidas como "do lar". Tal condição, segundo a autora faz com que "A maioria das mulheres (81,8%) relata sentir, em algum grau, a sobrecarga de trabalho" (TREIN, 2017, p.26). Para finalizar esta leitura, achei pertinente destacar que, segundo a pesquisadora, as agricultoras de Santa Vitória do Palmar, percebem "que algumas pessoas já mostraram dúvidas sobre suas capacidades de realizarem atividades no seu trabalho no meio rural, justamente por serem mulheres" (TREIN, 2017, p.27). A leitura deste trabalho foi muito importante, pois identifiquei, muitas situações em comum entre as entrevistadas pela autora e as mulheres da comunidade de Arroio do Padre que entrevistei.

A segunda parada é no município de Rolante, localizado na Encosta da Serra, no Vale dos Sinos - Paranhana, próximo à região Metropolitana de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, com o trabalho de Magda Aparecida Limberger Tonial intitulado: A Participação da Mulher na Agroindústria Familiar na Perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável (2013).

A investigação desenvolvida por Tonial, teve como problema de pesquisa a seguinte questão: "Qual é a participação da mulher no processo de agro industrialização e de que forma as políticas públicas têm auxiliado para o seu protagonismo? " (TONIAL, 2013, p.13). Para responder esta questão a autora busca compreender a participação de mulheres agricultoras da cidade de Rolante nos processos que envolvem a agro industrialização de sua produção agrícola.

Além disto, o trabalho busca evidenciar o acesso, destas mulheres, às políticas públicas voltadas ao meio rural. A autora destaca as seguintes políticas públicas:

[...] direito à aposentadoria e à pensão por falecimento do cônjuge ou por invalidez, crédito rural (Pronaf), Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA), Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE), ampliação do acesso às escolas e do número de anos de estudo, com auxílio do transporte escolar; políticas assistenciais, através de programas como Programa Bolsa Família, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), o Programa da Saúde da Família (PSF), entre outros. (TONIAL, 2013, p.14)

É possível identificar que tais políticas promoveram uma melhor condição de vida para os sujeitos que vivem no campo. No entanto, o interesse da pesquisadora foi em torno das questões de gênero no meio rural, pois:

Conforme dados da Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (PNAD) 2010, no Brasil, a população feminina equivale a 47,4% das pessoas residentes no meio rural, ou seja, 14.133.191 mulheres. Do total da população rural do Rio Grande do Sul (1.593.638), elas correspondem a 47,6%, ou seja, 759.365 mulheres, muitas delas sem acesso a saúde, educação e sem reconhecimento da sua condição de agricultora familiar, trabalhadora rural, assentada da reforma agrária, quilombola, indígena e pescadora. (TONIAL, 2013, p 9).

Estes dados comprovam o significativo número de mulheres que residem no meio rural. No entanto, seguindo a lógica de Trein (2017), Tonial aponta o quanto é exaustiva a jornada de uma mulher que vive no campo, visto que, seu tempo é dividido na execução de múltiplas tarefas. Além disto, a autora pontua que, muitas vezes, o trabalho da mulher na agricultura é visto como uma “mera ajuda” ao trabalho, que seria, “por natureza” do homem. Essa percepção, que divide as tarefas, segundo a autora: “corresponde ao modelo patriarcal da sociedade que desconsidera a contribuição das mulheres para a geração de renda da família, eleva a segregação do trabalho familiar e elege os homens para gestão e tomada de decisões na unidade de produção familiar ou no grupo de produção”. (TONIAL, 2013, p.10).

Assim, estas práticas, ainda associadas ao modelo patriarcal atribuía a mulher em um papel secundário e a gestão de todo e qualquer processo produtivo fica a cargo de decisões dos homens. No entanto, a década de 80 foi muito significativa para o empoderamento feminino, pois, nesta época surgiram muitas organizações que reivindicavam o reconhecimento de sua profissão como agricultora e, as grandes lutas estavam mobilizadas em torno dos direitos de acesso à terra, as políticas de saúde e as relativas a aposentadoria. Vinte anos depois destas mobilizações é que irão surgir, segundo a autora:

políticas públicas específicas para atender às demandas das mulheres rurais que visando à redução das desigualdades de gênero e ao apoio na construção da autonomia econômica, social e política. Entre elas cita-se: o programa de acesso à documentação, à linhas de financiamento, à assistência técnica, à políticas de apoio à qualificação, à organização e à comercialização. (TONIAL, 2013, p.10)

Tais políticas propiciaram a construção de uma autonomia para as mulheres rurais e isto representou um avanço para a constituição de um sujeito de plenos direitos, "com vez e voz". Isto fez com que as mulheres pudessem ocupar, cada vez mais, espaços que eram estritamente, ocupados por homens. Tonial, em sua pesquisa, entrevistou cinco mulheres que estavam envolvidas com agroindústrias. A pesquisadora salienta que a aproximação destas mulheres, nos processos que envolvem a transformação de alimentos e sua posterior comercialização iniciou de maneira bastante tímida. Segundo a autora, foi "através da participação em reuniões, visitas, encontros técnicos, [que as mulheres] tinham maior conhecimento sobre legalização e gestão de uma agroindústria familiar (TONIAL, 2013, p.37).

Outro resultado encontrado pela pesquisa supracitada diz respeito ao fato das mulheres iniciarem sua participação na agroindústria a partir de uma prática bastante anterior, ou seja, as mulheres faziam os produtos para o consumo de sua família ou, quando requisitadas, para algum evento comunitário. A demanda foi aumentando e surgiu a necessidade de tornar aquilo que era feito somente para o consumo em algo rentável. De acordo com Tonial: "as mulheres rurais entrevistadas, aos poucos foram investindo nas agroindústrias, adequando o espaço e aumentando número de equipamentos

com recursos próprios”. (TONIAL, 2013, p.37) O crescimento dos negócios fez com que, tais mulheres acessassem algumas políticas públicas, especialmente o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). O recurso era utilizado para:

[...] atender as adequações sanitárias e ao mesmo tempo de ampliar a infraestrutura do empreendimento. Todas relataram que era preciso dar definição a atividade, tinham conhecimento da produção e da demanda por parte dos consumidores, porém havia as limitações na comercialização, devido à falta de legalização dos produtos. (TONIAL, 2013, p.45).

Com este trabalho foi possível perceber o quanto a agro industrialização, tem promovido o empoderamento feminino no interior do núcleo familiar bem como na comunidade. Encerro a apresentação deste trabalho com as palavras da autora sobre o papel da mulher rural no desenvolvimento de suas comunidades:

A pesquisa comprovou a importância da mulher rural no desenvolvimento local, conhecida e reconhecida pelos agentes de desenvolvimento rural, assim como pela comunidade em que está inserida, pelo seu modo de atuação inovador, desafiador e comprometido. Sua contribuição vai além da produção, transformação diversificada de alimentos saudáveis, geração de emprego e renda, fortalecimento da economia e da cultura local, é agente transformador do meio rural na perspectiva sustentabilidade. (TONIAL,2013, p.51)

Minha terceira parada é no Município de São Francisco de Paula, interior do Rio Grande do Sul, com o trabalho escrito por Teresinha Lunkes Stein intitulado: “um olhar sobre a educação não formal e os grupos de mulheres rurais” (2011). O interesse desta autora está direcionado a compreensão de ações de educação não formal, desenvolvido por mulheres, que ocorrem no contexto agrário. A pesquisadora analisou grupos de mulheres que se organizam e realizam encontros para a socialização de suas experiências.

Parte da pesquisa foi feita por meio de observação, com o objetivo de analisar o comportamento das mulheres em situações rotineiras nas atividades

dos grupos, seus modos de se relacionar, de se organizar e de demonstrar sentimentos e atitudes. Segundo a pesquisadora, elas

[...] realizam anualmente o Encontro Municipal de Mulheres Rurais, que sempre é sediado por um dos grupos, escolhido no dia do encontro. É um dia organizado por elas e com elas, no qual participam os grupos organizados e alguns poucos convidados. É um dia de reflexão, cultura e lazer, quando socializam suas experiências. (Ibidem, 2011, p. 25)

Ao realizar essa investigação, também acreditou –se, serem esses estudos uma contribuição para uma compreensão mais aprofundada do trabalho da extensão rural com mulheres, da sua importância como uma forma educacional e de desenvolvimento local. Seguindo o mesmo pensamento de Tonial (2013) a autora acredita na importância da contribuição do extensionista rural com formação das mulheres do campo bem como de todos os processos que permitem a problematização das questões de gênero, pois, elas procuram, um refúgio de uma vida, muitas vezes vivida somente dentro de casa com seus trabalhos exaustivos. Assim,

Como política de relação de gênero, o trabalho da área social, dentro da nova postura da extensão rural, tem desenvolvido propostas de incentivos, entre outros: de continuar apoiando a participação da mulher em grupos, associações, clubes, sindicatos, cooperativas, comissões, conselhos, a fim de promover a interação social e a discussão e defesa de seus interesses e necessidades; apoiar a sua auto organização na busca de seus direitos; promover a formação em relação as diferenças de gênero. Para tornar mínima as desigualdades entre os gêneros. (EMATER-ASCAR. 2006, p.31)

A investigadora percebeu que esses encontros, em um ambiente onde podem ensinar e aprender, se expressar, colocar suas ideias, refletiam positivamente em suas vidas, pois elas estão em uma constante busca para serem reconhecidas e valorizadas em suas comunidades. Além disto, os encontros promoviam uma postura de envolvimento comunitário, de participação

ativa da sensibilidade para com o outro, pois, em todos os grupos ficava nítido o carinho e o respeito pelo próximo. Nesta perspectiva,

Os segmentos organizados pelas mulheres rurais também se coloca de forma distinta da tradicional, não mais como participante subordinadas das unidades familiares, mas buscando conquistar uma maior autonomia pessoal e profissional, questionando as relações entre os gêneros, e, com isso, problematizando a forma como a sociedade em geral as tratou ao adaptar seus pressupostos e construir novos caminhos a partir da experiência já trilhada (EMATER - ASCAR, P. 32).

Minha quarta parada é no Município de Santo Antônio Da Patrulha/RS com a leitura do trabalho intitulado: A importância da atuação da Mulher Agricultora para o desenvolvimento sustentável do Município de Santo Antônio Da Patrulha/RS, escrito no ano de 2017, pela autora Maria Valesca Endress Cardoso. A pesquisa realizou-se, especificamente, em três diferentes comunidades: Passo do Sabiá, Ribeirão e Roça Grande, pertencentes a área rural do município de Santo Antônio da Patrulha – RS. Foram feitas uma visita na propriedade e uma na AGRISAP (Feira do Agricultor de Santo Antônio da Patrulha) com o objetivo de apoiar e promover a inclusão e o fortalecimento das mulheres rurais.

Nesta pesquisa, ficou evidenciado que o trabalho e a participação das mulheres em agroindústrias e ou na comercialização de produtos podem produzir benefícios, tanto para elas e suas famílias, como para o processo de desenvolvimento sustentável local e regional. Por outro lado, é bastante evidente que há continuidade do paradigma anterior, onde o poder de decisão e de gestão em todos os âmbitos, dentro e fora da propriedade rural, é reservado ao homem.

Ou seja, a mulher ainda tem sua ação bastante restrita às decisões dentro do lar, o que pode influenciar processos mais amplos de desenvolvimento rural, em especial tomando uma noção de sustentabilidade

ampla, em outras palavras, que abranja mudanças tanto ambiental quanto socialmente significativas.

Assim, observei algumas semelhanças nas lutas das mulheres por igualdade, pois muitas não têm reconhecimento, nem mesmo dentro de suas próprias famílias, pois mesmo muitas vezes, mesmo sendo a provedora do sustento de sua família, na hora da tomada decisões, principalmente quando envolve dinheiro, a palavra do homem sempre é a última. Nesta perspectiva, o trabalho das mulheres, seja na agricultura, na agroindústria ou na comercialização, é normalmente subordinado e considerado apenas como “ajuda”, mesmo que elas trabalhem tanto quanto os homens. Aliado a frequente exclusão na propriedade familiar, estes são os principais motivos pelos quais muitas mulheres preferem buscar emprego nas cidades, onde elas conseguem melhores colocações e salários. Sobre este aspecto, Brumer (2004) explica que

[...] devido às desigualdades de gênero, que atribuem às mulheres (principalmente às mulheres jovens) uma posição subordinada na estrutura familiar, evidenciada na distribuição das atividades, nas esferas de produção e de reprodução do poder e do acesso à propriedade da terra, as mulheres têm menores perspectivas profissionais e motivação para permanecer no meio rural do que os homens. (Ibidem, 2004, p.225)

Assim, as desigualdades de gênero no Brasil são históricas, e apesar dos avanços que as mulheres rurais vêm conquistando, através de engajamentos em movimentos sociais, lutas por empoderamento e busca da redução da invisibilidade, muitas ainda passam por privações, com pouco, ou nenhum, reconhecimento de seu trabalho.

A minha quinta e última parada ocorreu no município de Cachoeira do Sul-RGS em um estudo de caso intitulado: Mulheres e os processos de emancipação: um estudo de caso na associação de trabalhadoras rurais de Cachoeira do Sul-RGS, elaborado no ano de 2017 pela a autora: Claudia Mara Ribeiro Camargo.

De acordo com a autora, especificamente tomando o município de Cachoeira do Sul como local de investigação, se pode observar que muitas mulheres vêm saindo do “anonimato”, embora, se percebe que são muitos os desafios para que as agricultoras consigam romper barreiras e buscar o reconhecimento do seu trabalho junto ao grupo familiar e perante a sociedade.

É neste contexto que a pesquisa realizada teve como objetivo geral: “analisar os processos de emancipação de mulheres participantes da Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais de Cachoeira do Sul, no que se refere o processo de empoderamento” (CAMARGO, 2017, p. 22). De modo a atingir tal objetivo, outros mais específicos foram propostos: “a) traçar a trajetória de emancipação de seis mulheres da Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais de Cachoeira do Sul; b) analisar os aspectos econômicos e sociais que podem contribuir, ou não, para a emancipação e conseqüentemente o empoderamento das mulheres rurais”. (CAMARGO, 2017, p.24)

Assim, a inserção das mulheres agricultoras familiares nos espaços organizacionais e de Produção tem contribuído com o crescimento pessoal, político e social destas mulheres, resultando no empoderamento em espaços públicos com participação democrática (Azevedo,2012). Assim, pode-se pontuar que as mulheres que participam de conselhos de seus municípios, exemplo conselho municipal de desenvolvimento rural (CMDR), que tem como finalidade de orientar e fiscalizar as ações na Política de desenvolvimento rural no município e também tem concessão de créditos pelo (PRONAF), benefícios absorvidos pelos produtores rurais, adquirem conhecimentos e autonomia financeira. Isso possibilita que não fiquem na sombra de seu companheiro. Dessa forma, o processo de construção, fortalecimento e organização das mulheres Agricultoras familiares, vem propiciando a superação das desigualdades de gênero, por intermédio da valorização de seus papéis, de suas participações na produção e enquanto Cidadãs.

Frente as estas pesquisas percebi que as mulheres vêm a décadas, lutando para serem reconhecidas, e que, apesar de algumas conquistas, ainda estamos longe de uma valorização e de um reconhecimento social de seu papel na sociedade. Por este motivo, há a necessidade de pesquisas, que engajadas

na luta, possam provocar uma mudança na percepção social do papel das mulheres. Chego ao fim dessa longa viagem, e concluo, que todas as mulheres, de diferentes lugares, raças, crenças e idades, ainda que por meios diferentes, procuram o reconhecimento na igualdade de oportunidades e direitos. Para isso faz-se necessário uma mudança na percepção que nos define como mulheres plurais. Assim, abrir brechas para desnaturalizar verdades que tentam homogeneizar e classificar as pessoas, os comportamentos e as atitudes faz-se necessário. No próximo capítulo passo a descrever a metodologia utilizada e o material empírico analisado.

### 3 COMPONDO A TRAJETÓRIA DA PESQUISA:

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo e contou com a metodologia baseada em histórias de vida. Segundo (MAANING apud NEVES, 1996, p.1). A expressão

“Pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. Em sua maioria, os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados; não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico (adequada para fenômenos claramente definidos), mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambiguidade. Esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho desenvolver-se-á, isto é, o território a ser mapeado. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. Dentre os métodos qualitativos conhecidos, optei pelas histórias de vida porque ele necessita uma aproximação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa e, acredito que minha inserção, meu convívio com estas mulheres facilitaria o processo de investigação. Segundo (Silva et al., 2007, p. 29) o método da história de vida “tem como principal característica a preocupação com o vínculo entre o investigador e o sujeito”. Neste sentido, achei pertinente tal método pois mantenho, com as entrevistadas uma relação

de confiança e parceria. Acreditei que esta relação fosse uma das condições para que nossas conversas ocorressem<sup>2</sup>. Por outro lado, tive que fazer o exercício de estranhamento para que as percepções que tinha sobre elas ficassem suspensas.

As entrevistas que fiz foram semiestruturadas, formato que utiliza alguns tópicos genéricos, com perguntas que começam com “como”, “o que”, “porque” e “quando”. Por este motivo criei um roteiro, com perguntas previamente estabelecidas mas deixei-as livres para irmos conversando, pois tinha a intenção que elas se sentissem à vontade. Saliento que as entrevistas foram gravadas e, posteriormente transcritas. Utilizei também um caderno de campo, como um instrumento para anotar as observações e reflexões que fazia das entrevistas. Acredito que essas anotações foram muito valiosas na hora da conclusão da pesquisa. Nesse caderno contava todos os dados que produzi durante o tempo de conversas e convívio com as entrevistadas.

A pesquisa foi realizada com três mulheres que pertencem ao grupo de convivência do Arroio do Padre. A escolha aconteceu devido a facilidade que observava nestas mulheres no que se refere ao fato de exporem-se, ou seja, todas possuem certa espontaneidade para expor seus pensamentos, suas concepções e seus sentimentos. Pontuo novamente que faço parte desse grupo e, talvez, por esse motivo tenha certa dificuldade em distanciar-me para compor a análise de minha investigação. No entanto, sei da necessidade do movimento de distanciamento e estranhamento para a realização da pesquisa.

Destaco um pouco das histórias que me foram contadas por elas. A fim de manter sob sigilo suas identidades optei por nomeá-las de: Camponesa 1, camponesa 2 e camponesa 3. Resolvi nomeá-las assim porque entendo que esta expressão traduz não só as mulheres que vivem no e do campo, mas, abrange um contexto de luta e organização social.

---

<sup>2</sup> Destaco que os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido se encontram guardados comigo. No anexo 1 apresento o modelo que foi assinado por elas.

### Camponesa 1

Com a idade de 56 anos, camponesa 1 é natural de São Francisco de Paula RS. Estudou até a 8ª série – (atual nono ano). Segundo seu depoimento, a não continuidade de seus estudos ocorreu devido a necessidade de ingressar no mercado de trabalho. Tal condição fez com que, camponesa 1 fosse, com apenas treze anos, juntamente com seu irmão mais velho para Porto Alegre em busca de trabalho. Foi somente com 40 anos de idade que veio morar na localidade do Arroio do Padre, pois seu marido era natural da localidade. Atualmente, vive sozinha mas ressalta não estar só, pois tem como companhia seus gatos e cachorros. Camponesa 1 diz que ama viver aqui, pois evita ir para Porto Alegre, prefere a paz e tranquilidade do campo. No entanto, ressalta que uma das fragilidades de viver nesta região é que fica mais visível o que o homem vem fazendo em relação a natureza, isso devido as caças predatórias e também a poluição dos rios. Camponesa 1 sente-se impotente frente a esta situação. De acordo com suas palavras *“procuro preservar o lugar onde vivo”*. Isto fica evidenciada na produção orgânica desenvolvida por ela. Camponesa 1 participa do grupo de convivência do Arroio do Padre desde o primeiro encontro do grupo. Sua participação é bastante ativa e, por este motivo diz sentir muita falta dos encontros na época de férias. Segundo ela: *“para mim é um momento de convívio e também de troca de experiência, e a aprendizagem é uma consequência desse convívio. É uma grande interação. Em momentos difíceis digo Deus piedade de nós, logo me sinto fortalecida.”* Parece-me que camponesa 1 atribui um enorme significado para o grupo de convivência.

## Camponesa 2

Camponesa 2 é mãe de duas filhas. De imediato fica evidente o quanto esta mãe sente-se orgulhosa das filhas, pois já no início da entrevista fez um destaque a elas afirmando que uma já é Mestre em Matemática e a outra em Administração. Ela nasceu no Arroio do Padre e só saiu aos 25 anos, quando se casou e foi morar em São Leopoldo. Depois de dezessete anos retornou com suas duas filhas, para a cidade de origem. Afirma ser muito feliz aqui e pretende ficar no campo para sempre, de acordo com seu depoimento: *"na época só fomos embora devido à dificuldade de trabalho. O que há de bom no campo a natureza e a qualidade de vida"*. No entanto, durante a entrevista, camponesa 2 afirmou que nem tudo é positivo na vida do campo: *"A parte ruim acredito que seja a dificuldade para chegar a comunicação, também, o desrespeito com os cuidados com o solo e principalmente o barramento entre o agricultor e o poder público com a questão ambiental"*. Frente as dificuldades Camponesa 2 participa ativamente das decisões de sua comunidade. É possível encontra-la nas reuniões dos conselhos municipais, das atividades propostas pela Emater e das atividades desenvolvidas pela igreja local. De forma orgulhosa ela relata: *"Fui presidente por 9 anos, hoje continuo na liturgia, também sou catequista, mesmo com problemas de saúde continuo fazendo para que não acabe o catecismo e o conhecimento para as crianças de nosso lugar, me sinto muito bem e realizada em ajudar minha comunidade, não me importo por ser chamada por muitos de beata"*.

### Camponesa 3

Originária de uma família de dezesseis irmãos, doze mulheres e quatro homens, camponesa 3 veio morar em Arroio do Padre quando conheceu seu companheiro. Natural de São Pedro do Sul, saiu do campo aos nove anos de idade para morar na cidade. No entanto, sua referência sempre foi a vida no campo. Segundo ela: *"Gosto muito desse lugar e também da companhia e da qualidade de vida, aqui a gente planta, consome e vende. Tudo orgânico, sem agrotóxicos. Não troco minha vida hoje no campo por uma vida na cidade."* O contato com a cidade só se realiza através de sua participação na feira, com a venda de produtos de produção própria: bananas, alfaces, couves, laranjas, entre outros. Camponesa 3 está bastante envolvida com o desenvolvimento do turismo rural na região. Sua casa tem sido um ponto de referência para visitas para grupos interessados em conhecer uma propriedade rural orgânica ou fazer pesquisas. *"Nesse momento estou muito confiante pois está em desenvolvimento o turismo rural no Município e meu, marido faz parte deste conselho, acredito que vai melhorar financeiramente as famílias agricultoras do lugar"*. O entusiasmo de camponesa 3 fica ofuscado por sua insatisfação de não ter conseguido concluir o curso de pedagogia. Segundo ela na hora da sua apresentação do TCC teve uma crise de pânico e não conseguiu concluir sua apresentação. No entanto, ela ainda sonha em retomar ao curso. Destaco também, a sua vontade de escrever um livro", pois de acordo com ela: *"As pessoas têm que sempre estar buscando aprimorar seus conhecimentos e não ficar parado no tempo, ou em uma profissão específica, só assim você irá chegar ao lugar tão sonhado e merecido por você, pois para os sonhos não existe limitações, quando se deseja algo"*.

Foi com estas camponesas que busquei conhecer um pouco mais sobre as relações de gênero que se estabelecem na localidade de Arroio do Padre. No próximo capítulo busco responder o problema de pesquisa que elaborei: Qual a percepção das mulheres agricultoras da comunidade do Arroio do Padre – Itati/RGS sobre as relações de gênero que se estabelecem em seus cotidianos?

## 4 RELAÇÕES DE GÊNERO NO CAMPO NA PERCEPÇÃO DE TRÊS CAMPONESAS DE ARROIO DE PADRE.

Este capítulo tem por objetivo esclarecer a percepção das mulheres sobre as relações de gênero estabelecidas em sua comunidade, ou seja, apresento os resultados da pesquisa por mim realizada.

### 4.1 A divisão das tarefas.

O primeiro resultado de pesquisa diz respeito a divisão de tarefas executadas no campo por homens e mulheres. Segundo Alves, Sell e Castro (2014, p. 6): “as atividades da mulher rural não estão apenas circunscritas ao cuidado reprodutivo, pois elas também realizam atividades em lavouras e atividades de produção de alimentos”. Tal fato ficou evidenciado nas entrevistas que realizei:

Camponesa 3

Bom, no meu dia a dia, **os dois trabalham por igual**, sendo que **a parte mais pesada e mais difícil** tem mulheres que sabem fazer e conseguem fazer, mas essa parte **seria do homem**. Por exemplo, o irmão do meu companheiro, a sua esposa, faz muito mais que o homem.

**Na minha casa é dividido o trabalho porque eu não vou para a roça.** Eu auxilio na preparação das mercadorias que vão ser vendidas na feira. Eu também faço a pesagem e também encaixoto tudo.

De acordo com camponesa três haveria uma divisão de tarefas entre homens e mulheres. Algumas tarefas “as mais pesadas e difíceis” seriam destinadas ao homem. De acordo com HERRERA (2012, p,3).

A denominação de trabalho ‘pesado’ e ‘leve’, abordados por Paulilo (1987), corrobora esta afirmativa uma vez que tal diferenciação é imprecisa e possui determinantes culturais pois o que é considerado ‘leve’ ou ‘pesado’ depende da perspectiva social analisada. Dentro das atividades cotidianas, homens e mulheres realizam trabalhos pesados, tais como cortar lenha, lidar com a roça, carregar

filhos pequenos e transportar água quando esta está localizada distante do domicílio.

No entanto, ela destaca que algumas mulheres conseguem efetuar as mesmas tarefas. Segundo ela:

[...] é questão de criação, pois eu, se for necessário, eu faria o mesmo trabalho feito pelo meu companheiro. Desde criança quando minha mãe fazia o trabalho da casa, geralmente as meninas ficavam com ela. Com exceção nas épocas de plantação de fumo daí todos pegavam junto no trabalho era uma família de doze mulheres e quatro homens, todos foram criados no campo.

Para camponesa três esta divisão é cultural. Não teria alguma essência no trabalho que demarcaria atividades que seriam exclusivas para mulheres e homens. Se necessário, a mulher poderia vir a executar qualquer tarefa que fosse solicitada. No caso, específico de camponesa três, ela divide as tarefas ficando com a “preparação da mercadoria, pesagem e encaixotamento”. Estudos sobre a força da mulher na agricultura indicam que:

Nos países em desenvolvimento, por exemplo, sabe-se que a mulher responde por 43% da força de trabalho na agricultura variando de 20% na América Latina e 50% na África subsaariana. A edição 2010/2011 da publicação “o estado mundial da agricultura e da alimentação” elaborada pela organização das nações Unidas para a Agricultura e alimentação (FAO), aponta que, se as mulheres tivessem os mesmos recursos de produção disponibilizados aos homens, elas poderiam aumentar a produtividade de suas lavouras de 20 a 30%. E este dado fica mais alarmante quando vem acompanhado de outras projeções: se as condições entre homens e mulheres do campo fossem igualitárias, as produções agrícolas dos países em desenvolvimento teriam acréscimo de 2,5 a 4%, o que poderia reduzir de 12 a 17% o número de pessoas famintas no mundo. (ALVES; SELL; CASTRO. 2014, p.5)

A mesma percepção foi identificada em camponesa 1 e 2. Ao serem questionadas sobre a divisão de tarefas das lidas no campo elas responderam:

Camponesa 2: Na verdade quando eu era solteira trabalhava parelho com meus irmãos, que a gente tava acostumada né, mais logo que casei, ele não deixava pegar no pesado e eu também vi que não precisava. Isso aí da diferença. Mas, isso depois da gente casado, né Fátima mais se a mulher pegar o ritmo faz praticamente o serviço parelho.

Camponesa 1: É que a gente tinha na cabeça é que o homem é mais forte tem maior resistência (somente força física). Porque também acredito que é cultural, a gente foi criada pensando assim.

O depoimento de camponesa 2 nos aponta que a exclusão do trabalho pesado ocorreu pela solicitação de seu companheiro. Assim, como camponesa 1 e 3 esta entrevistada acredita que se a mulher for acostumada, desde cedo, ela “pega o ritmo”, ou seja, consegue efetuar o mesmo trabalho feito pelo homem. Nesta mesma perspectiva, camponesa 1 afirmou:

Camponesa 1: Assim como trabalho no campo tu quer dizer, nas lidas do campo ué **eu na roça eu capino, roço, e planto se for preciso**, agora, eu não tenho companheiro mais quando tinha **trabalhava parelho com ele eu ia junto com ele, todos os dias pra roça.**

Camponesa 1 ao se referir sobre a divisão de trabalho aponta que:

Eu acho em relação ao trabalho a mulher do campo, além do trabalho na roça ela mulher ainda tem as tarefas da casa, ainda seu trabalho de produção na roça ainda como uma mera ajuda.

Essa concepção de simples “ajuda” foi discutida por Alves, Sell e Castro (2014) que afirmam ser preciso “descontextualizar o trabalho da mulher como uma ajuda e percebê-lo como uma atividade produtiva em que legitima a busca

por direitos e remunerações” (Ibidem, p. 3, 2014). Da mesma forma, Herrera (2012, p. 3) afirma que:

[...] geralmente o trabalho realizado pelas agriculturas no âmbito produtivo é visto como “ajuda” ao marido ou a família, mesmo quando as agricultoras trabalham tanto quanto seus maridos ou executam as mesmas atividades que eles, desconstruindo a ideia de que existe trabalho de homem e trabalho de mulher. O trabalho feminino está presente na história da nossa sociedade, mas raramente é visto como um trabalho e é comum ser reconhecido como “ajuda”.

É possível perceber o quanto a divisão social e os papéis atribuídos ao gênero causa desigualdades, principalmente no meio rural porque percebo que neste meio as camponesas trabalham de forma parelha com seus companheiros fazendo, quase inexistir uma divisão de trabalho que fosse exclusivamente do homem. Assim,

O gênero é um dos fatores medulares na construção de desigualdades. Para além das diferenças biológicas, foram estruturadas distinções sociais e culturais entre homens e mulheres, dentro das quais se estabelecem hierarquias de poder, de status de renda. Finalmente, os atributos individuais constroem-se socialmente como resultado de processos históricos. (DIAS apud ALVES et ali, 2014. p. 128).

## 4.2 As camponesas e sua relação com as mulheres urbanas.

Camponesa 3

Hoje em **dia a mulher camponesa é bem mais informada, algumas** além da roça ainda **estudam** e tem mulheres, umas que não estudam. Mas, mesmo assim **procuram informação. Dão de chinelo nas urbanas.** Não chegam nem perto **pela sabedoria e na simplicidade e sua maneira de trabalhar.**

Sobre **o avanço das mulheres do campo é bastante crescente. Hoje em dia tá muito melhor.** E as **diferenças da urbana e a camponesa é o comportamento e a vestimenta.** Eu acho que a maior diferença é que **a urbana vive naquele mundo muito**

**agitado. E as camponesas vivem em harmonia com a natureza e uma maior qualidade de vida.**

Ao ser questionada sobre a diferença entre a mulher que vive no campo e a que vive no espaço urbano, camponesa 3 afirma que, atualmente a mulher que vive no campo está mais bem informada, estão estudando e buscando, cada vez mais, informações para além de sua vivência no campo. Na percepção dela, as mulheres urbanas parecem ter mais acesso e facilidade para estudar, para ter acesso ao conhecimento. No entanto, esta condição tem sido alterada com o passar do tempo, pois ela identifica que a mulher a camponesa tem procurado sanar esta dificuldade. Para camponesa 1, esta mudança de cenário ainda não está em resolvida. Segundo ela:

E em relação **a vida da mulher camponesa sempre foi e sempre muito mais difícil** que a vida da mulher da cidade é que *na cidade a mulher tem maior facilidade as coisas* e o acesso é menor para a mulher camponesa, até pra aposentadoria da mulher do campo agora querem deixar bem mais difícil.

De acordo com Alves, Sell e Castro (2014, p. 7):

Percebe-se que as maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres em permanecer no campo são falta de trabalho e a precariedade da educação. Muitas mulheres saem ainda adolescentes do campo em busca de emprego e condições de ter sua própria renda, de estudar e, até mesmo de conseguir dar continuidade aos estudos.

Porém, camponesa 3 afirma existir algo que as diferenciam das mulheres urbanas que supera a dificuldade de acesso: a sabedoria e a simplicidade. Ao longo da entrevista pude verificar que camponesa se referia a sabedoria proveniente de seu contato com a natureza. Segundo ela "eu tenho conhecimento da agricultura, épocas de plantio, épocas de colheita e também saber sobre o que estou comendo". Isto a diferencia da mulher urbana, visto que provavelmente elas não terão este conhecimento, pois não estão inseridas neste

meio. Sobre a simplicidade, camponesa 3, acredita que viver no interior possibilita o convívio maior entre as pessoas. Na cidade este convívio fica prejudicado devido à falta de segurança. As mulheres viveriam de forma mais isolada. De acordo com suas palavras: "No interior todas conversam e o convívio do coletivo é bem maior e as pessoas da cidade vivem mais isoladas. Muitas vezes, pela falta de segurança. " Assim, especialmente no meio rural, de acordo com Mesquita e Mendes (2012, p. 2):

Na comunidade as relações que se estabelecem são pautadas pelos graus de parentesco, vizinhança e amizade. Assim, o indivíduo não é pensado isoladamente, deslocado das condições históricas, culturais e sociais, mas, é pensado através das relações sociais que estabelece com o outro. É dessa forma, que se constitui a vida comunitária. [...] os laços de sangue e de parentesco, a associação com a terra, a amizade e os sentimentos partilhados e as crenças comuns contribuem para que seus moradores resistam às mudanças e permaneçam no meio rural.

Sobre as questões de segurança Herrera (2012) afirma que as mulheres do campo:

Costuma valorizar a vida no campo em detrimento da vida na cidade, destacando a tranquilidade do meio rural, a segurança, a relação com a natureza e os laços de parentesco e solidariedade. Desejam, com isto, que seus filhos possam usufruir dos benefícios do campo em lugar de experimentar as aflições do meio urbano, representada pela falta de autonomia e insegurança constantes. (HERRERA, 2012, p. 22-23).

Cabe ressaltar que, muitas das entrevistadas, pareciam "romantizar" a vida no campo, destacando somente aspectos positivos de sua localidade. Camponesa 2, ao se referir sobre as diferenças que possui em relação as mulheres urbanas afirma que a vida no campo é mais saudável:

[...] é muito bom ser uma mulher camponesa, que assim no campo ou até mesmo o homem se acostumar com a vida no campo vão sentir na saúde, pois é a saúde que a gente vê mais, por uns quantos motivos, tu planta e colhe...

Sua paixão por viver no campo a faz afirmar:

Meu Deus do céu não gosto de nem ir passear na cidade, minha vida é aqui, nunca mais nunca não tem possibilidade de eu trocar minha vida no campo para a cidade.

Da mesma forma, que camponesa 3, esta entrevistada fez referência à correria e a falta de qualidade de vida no meio urbano.

Camponesa 2: da vida assim da diferença da mulher da cidade e do campo, há tem muita diferença, mesmo o homem a vida é uma correria, tudo é vapt-vupt, não tem tempo pra fazer uma comida saudável.

Além disto, todas as entrevistadas destacaram a vestimenta e o comportamento como características que as diferenciam de outras mulheres. Todas acreditam que a camponesa é mais reservada e isto ficará evidenciado, também na vestimenta.

Camponesa 1: Eu vejo uma maior diferença da mulher camponesa e a mulher urbana fica mais evidente em seu comportamento e com sua vestimenta. [Temos] mais simplicidade com as vestimentas.

Conforme observei, as camponesas não demonstravam muita preocupação em relação a suas vestimentas, pois tem por hábito usar, muitas vezes, roupas doadas por familiares. Segundo seus depoimentos elas compram roupas novas somente para eventuais ocasiões, ou seja, casamentos e festas de 15 anos. Destaca-se também que elas costumam doar as roupas que não são mais usadas pelos seus filhos, não demonstrando apego por esse tipo de coisas.

Encerro este capítulo com a percepção de que muito mais poderia ser destacado. No entanto, foram estes dois resultados que apareceram com maior recorrência no decorrer da investigação com as entrevistadas. No próximo capítulo apresento as considerações finais deste trabalho de pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Qual a percepção das mulheres agricultoras da comunidade do Arroio do Padre – Itati/RS sobre as relações de gênero que se estabelecem em seus cotidianos?** Ao me aventurar, com essa pesquisa, acreditei, estar caminhando por terras seguras, pois, estava pesquisando sobre as mulheres de um grupo que pertencço. Mas, já no início de meu percurso, tive que reinventar o meu pensar, a partir do momento, que problematizei algumas ideias pré-concebidas que tinha sobre a percepção das camponesas. Assim, fiz um movimento, durante toda a trajetória de minha pesquisa, em busca de possíveis respostas para os meus problemas de pesquisa.

De forma geral compreendi que todas percebem que a divisão do trabalho entre homens e mulheres é cultural. No entanto, algumas perpetuam essa divisão deixando tarefas “mais pesadas” para os companheiros. Mas, todos sabem que podem executar tais tarefas, seria uma questão de se “acostumar”. Percebem também que seu trabalho é considerado, muitas vezes, uma simples “ajuda”, por mais que se dediquem mais que eles.

Durante minha pesquisa percebi também, que elas não se comparavam somente com os homens, mas, sentiam a necessidade de falar sobre as mulheres que vivem na cidade. Segundo seus depoimentos, apesar das mulheres que vivem no campo ter buscado mais informações, as mulheres que vivem na cidade têm mais chance de estudar. As três, por mim entrevistadas, tiveram que sair, ainda adolescentes, do campo em busca de emprego e para dar continuidade de seus estudos. Apesar disso, elas pontuaram várias coisas que as diferenciam das urbanas, tais como, possuir uma “sabedoria das coisas da terra”, ter uma vida mais saudável e viver mais coletivamente. Segundo elas, as mulheres que vivem na cidade seriam mais individualistas.

Posso dizer que a sabedoria dessas mulheres, que a meu ver viviam isoladas em um lugar tão pequeno, me encantaram e me surpreenderam. Todas demonstraram-se muito à vontade em partilhar comigo, seus conhecimentos, que

não são poucos, já que são vindos de mulheres que sempre viveram para suas famílias.

Quando dei início a minha pesquisa, não tinha ideia da relevância e da importância desses relatos, para nossa comunidade, e principalmente o quanto aprendi sobre a vida dessas mulheres. No entanto, enfrentei situações que jamais imaginaria. No decorrer dessa caminhada, um fato me chamou atenção: uma das camponesas, pediu para seu companheiro, a permissão, para participar das entrevistas. Percebi, com esse fato, que ainda há questões para serem debatidas e situações a serem superadas.

Apesar da surpresa que tive, respeitei o encaminhamento dado pela Camponesa, pois, entendo que não somos donos da verdade, sempre estamos aprendendo com o convívio de um coletivo, pois nesse tempo que eu estive ouvindo e interagindo, com as três camponesas, aprendi muito com elas. Nesse sentido, penso ser preciso respeitar suas crenças e culturas. O que talvez possa fazer é problematizar essas situações. Para mim, essa pesquisa foi muito instigante, pois, tive que mudar um pensamento já construído sobre as mulheres participantes da pesquisa.

No início de minha pesquisa, minha maior dificuldade foi conseguir conciliar os horários de nossos encontros. As entrevistadas estavam sempre assoberbadas de tarefas ou com problemas a serem resolvidos. A primeira camponesa, por mim entrevistada, faz a feira com seu companheiro, então estava disponível somente nas segundas e terças-feiras. Outra estava enfrentando um momento muito difícil de saúde e, este fato, dificultava nossos encontros. Assim, a primeira entrevista, eu consegui concluir somente depois de um mês, pois sempre ocorria um contratempo, nos dias marcados. Excluindo esse fato, posso dizer que minha caminhada foi muito tranquila. Tenho como hipótese o fato de já, conhecer as entrevistadas, pois, a recepção, por parte de todas, foi muito positiva. Sempre, antes de dar início a nossas conversas, tinha que tomar um delicioso café e, isso ocorreu em todos os nossos encontros.

Por fim, cabe ressaltar o quanto ficou explícito o orgulho de todas as entrevistadas, pelo fato de serem camponesas. Elas se veem como um modelo

da força da mulher do campo. Todas me pareceram engajadas em tudo que possa trazer melhoras para o crescimento da vida da mulher, no meio rural.

Ao encerrar essa pesquisa penso que construí algumas respostas para pensarmos as relações de gênero que envolvem as mulheres que vivem no campo. Sei que essas são provisórias, como o balançar da vida. Mas, minha principal intenção foi dar maior visibilidade à essas mulheres que fazem parte de uma pequena comunidade situada no Litoral Norte do RS. Foi apenas um gatilho disparador sobre as discussões que abordam e problematizam o tema de pesquisa por mim, escolhido. Muito ainda há de ser feito para que possamos construir uma igualdade entre os gêneros. Para mim, esse foi um início ....

## REFERÊNCIAS

ALVES. Giovana Sitó; SELL, Léia Beatriz; CASTRO, Amanda Motta. Educação e trabalho da mulher no campo e suas invisibilidades. In: *Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História- Universidade Federal da Integração Latino-Americana-UNILA*, 2014.

AZEVEDO, Vilma Maria. *Os desafios para o empoderamento da mulher agricultora a partir do programa de aquisição de alimentos: o caso de Barbacena-MG*, 2012.

Disponível em: <<http://locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4179/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 07 setembro 2018.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. In: *Rev. Estud. Fem.* vol.12 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2004.

CAMARGO, Cleudia Mara Ribeiro. Mulheres e os processos de emancipação: um estudo de caso na associação de trabalhadoras rurais de Cachoeira do Sul-RGS. 2017. Monografia. Graduação em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da faculdade de ciências econômicas da UFRGS, Porto Alegre, 2017

CARDOSO, Maria Valesca Endress. A importância da atuação da Mulher Agricultora para o desenvolvimento sustentável do Município de Santo Antônio Da Patrulha/RS. 2017. *Monografia*. Graduação em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da faculdade de ciências econômicas da UFRGS, Porto Alegre, 2017

HERRERA, karolyna Marin. O papel das mulheres na agricultura familiar: uma análise a partir da perspectiva da multifuncionalidade agrícola. (2012, p,3). In: *Anais do 39 Encontro Anual da ANPOCS*. Minas gerais, 2012.

MESQUITA, Lívia Aparecida Pires; MENDES Estevane de Paula Pontes. Mulheres na Agricultura Familiar: A Comunidade Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). In: *Anais do XXI encontro nacional de geografia agrária – Territórios em disputa: os desafios da geografia agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro*. Uberlândia, MG, 2012.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. In: *Cadernos de pesquisa em Administração*. São Paulo, v.1, n.3, 1996.

SILVA, A.; BARROS, C.; NOGUEIRA, M; Barros, V. Conte-me sua história: Reflexões sobre o método de história de vida. *Estudos em Psicologia*, 2007.

TOGORES, Josep. *Catalunian Girls*, Pintura óleo sobre tela. 1921. Disponível em: <https://www.agefotostock.com/age/en/Stock-Images/Rights-Managed/B20-3151584>. Acesso em: 21 de junho de 2019.

TREIN, Cristina Rodrigues Trein. Percepção das mulheres que atuam na área rural do município de Santa Vitória do Palmar quanto a discriminação de gênero. 2017. 41f. *Monografia*. Curso superior de bacharelado em desenvolvimento rural - PLAGEDER, da faculdade de ciências econômicas da UFRGS, Porto Alegre, 2017.

TONIAL, Magda Aparecida Limberger. A Participação da Mulher na Agroindústria Familiar na Perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável. 2013. *Monografia*. Graduação em Planejamento e Gestão Para O Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

## APENDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Título da Pesquisa: **A PERCEPÇÃO DE MULHERES AGRICULTORAS DA COMUNIDADE DO ARROIO DO PADRE – ITATI/RS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO.**

Nome do (a) Pesquisador (a): Maria de Fátima Maciel Gross

Nome do (a) Orientador (a): Claudia Glavam Duarte

**1. Natureza da pesquisa:** A Sra. está sendo convidada a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar e problematizar as percepções de Gênero de mulheres que vivem na Comunidade Arroio do Padre em Itati – RS.

**2. Participantes da pesquisa:** mulheres residentes na comunidade supracitada.

**3. Envolvimento na pesquisa:** Para participar deste estudo, você deverá assinar este termo e participar da entrevista, a fim de que possamos levantar dados sobre as relações de gênero que se estabelecem na comunidade. São previstos alguns encontros para a realização de entrevista. Você tem a liberdade de se recusar a participar em qualquer momento que decida, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos a sua colaboração para que possamos obter melhores resultados para a pesquisa. Sempre que quiseres mais informações sobre este estudo, poderás entrar em contato com MARIA DE FÁTIMA MACIEL GROSS pelo e-mail: [fahgross.70@gmail.com](mailto:fahgross.70@gmail.com)

**4. Sobre as entrevistas:** As entrevistas semi-estruturadas serão realizadas na localidade em horários previamente combinados. Pontua-se que será respeitada a opinião das entrevistadas sobre o tema tratado ou sobre qualquer outro que venha integrar a entrevista.

**5. Riscos e desconforto:** Cabe ressaltar que a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Ademais, os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos a sua dignidade.

**6. Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e sua orientadora terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo, ao publicar os resultados dessa pesquisa.

**7. Benefícios:** Os benefícios que esperamos com este estudo, será produzir informações importantes sobre as relações de gênero estabelecidas na comunidade, e, dessa forma empoderar mais as mulheres que vivem no campo.

**8. Pagamento:** Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi via deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo. Obs: Não assine esse termo, se ainda tiveres dúvida a respeito.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Data: